

Santiago F For Fake

Aurélio Michiles

Santiago

Director: João Moreira Salles

Brasil, 79', 2007

"documentário é diálogo"

Joris Ivens

Santiago, de João Moreira Salles. Eis um curioso filme documentário. Ele nos empurra para questões profundas da vida tendo como interlocutor ou mestre de cerimônias uma personalidade singular. Neste sentido, a questão tão comentada, aquela de que, hoje, os documentários não trazem respostas e sim perguntas, indagações... aqui e neste caso, ele assume a ambiguidade com extrema radicalidade narrativa.

Creio que os docs sempre tiveram esse papel provocador: nem perguntas e nem respostas. Mesmo quando estão a serviço de um objetivo político e ideológico.

Nos anos sessenta tivemos, aqui no Brasil, os documentários que ficaram conhecidos como "Caravana Farkas", ¹ esses filmes tornaram pública a realidade do Brasil profundo, desconhecido daquela época - o sertão nordestino. Cito também um outro caso, o filme *Um Homem com uma Câmera* (Dziga Vertov, 1969) aí, por exemplo, o diretor a serviço da revolução soviética, faz enquadramentos inusitados (sobretudo para a época) e nos lança pedagogicamente numa viagem a querer repensar os padrões e ao mesmo tempo maravilhar-se com as novas possibilidades... O próprio título do filme nos faz pensar assim, o realizador empunha o seu instrumento de trabalho. A montagem vertiginosa dialoga com a narrativa não-linear.

¹"Caravana Farkas" é a denominação dada a uma série de filmes documentários produzidos no Nordeste entre 1968 e 1970 por um grupo de cineastas, liderados pelo fotógrafo, diretor, empresário e produtor Thomaz Farkas.

O filme-documentário *Santiago*, de João Moreira Salles tem um "quê"disto, ao desnudar os bastidores da produção, ele nos revela a intimidade das suas memórias sentimentais. Como se estivesse nos empurrando numa jangada para o meio do oceano-memória. Numa espécie de tour através da ambientação arquitetônica, doméstica, familiar e sentimental que formam seu imaginário. E aqui ele nos surpreende sob a arguta memória de um antigo empregado doméstico da sua família, o mordomo Santiago.

E aí ele desconstrói o documentário (autor e personagem). Num sentimento secreto querendo apropriar-se dele (João) e do personagem (Santiago). Os dois num só. Neste sentido, não podemos esquecer a importância da montagem "escoreliana", tampouco da trilha, esta como personagem coadjuvante reflete-se nas idiosincrasias do protagonista.

Diante do homem, o mordomo e o seu legado secreto, ficamos assistindo àquele embate entre o "Joãozinho e Santiago". O patrão e o empregado.

A cena do despertar do João, indo à sala, como encantado, deparando-se com um pianista-mordomo vestido de fraque... e recebendo uma reposta pedagógica; entre tantas que deve ter tido deste mestre das ilusões. Não podemos esquecer que a cena das mãos, aliás filmada por sugestão do personagem, talvez seja uma das mais belas sequências do filme. É aqui que nos cabe perguntar, quem é o "patrão" e o "empregado"?

A voz em falsete do verdadeiro João se contrapõe e impõem-se com a voz de barítono do falso João, mesmo assim, verdadeiro, porque é a voz do irmão (Fernando Moreira Salles), porquê também testemunha e cúmplice ocular desta memória sentimental *F for Fake*.²

A vida neste documentário segue como tantas outras, um curso que tem esplendor e decadência, mas não aquela decadência financeira, e sim a própria vida se esvaindo, sem prantos, mas com a perplexidade bergmaniana. Enquanto que a fotografia em preto e branco, de Walter Carvalho, nos conduz magistralmente a esse templo-memória: "a casa dos Moreira Salles" e o "apartamento de Santiago". Os planos quase que congelados de determinados ambientes da residência dos "Moreira Salles", como estivesse guardada num álbum de fotografias, mesmo assim, não nos iludamos, não existe aí qualquer intenção nostálgica.

²Verdades e Mentiras (*F for Fake*), dir. Orson Welles, EUA, 1974, 86 min.

Surge como uma centelha, um estalo, sempre para marcar um momento de auto-referências.

Quando assisti a *Santiago*, no cinema, junto com tantos outros espectadores, durante a sessão a sala permaneceu em silêncio, como num ritual entre iniciados, obsequiosamente ninguém deu um pio, ninguém riu ou cochichou comentários.

Santiago, de João Moreira Salles, é um excelente programa. Mesmo quando o diretor afirma explicitamente ter recebido a influência (neste documentário) do filme “Viagem à Tóquio” do diretor japonês Ozu, num instante em que confessa ter assistido a este filme no desejo de utilizá-lo como linguagem conceitual neste documentário e para exemplificar escolheu uma sequência do filme do mestre Japonês em que se estabelece o seguinte diálogo:

- A vida não é uma decepção?"

- Sim, ela é".

O diretor João Moreira Salles, aqui estaria se referindo ao seu personagem, o mordomo Santiago, ou a si mesmo? Nesta ambígua cena em questão, tenhamos a clareza de considerar que ele vira a página da história dos documentários brasileiros, transpassa as fronteiras. Consequentemente, acreditamos que o filme-documentário “Santiago” encontra-se muito mais para os efeitos ardilosos de um “F for Fake” (Orson Welles, 1974) do que para o filme de Ozu.

Torna-se interessante notar que a montagem funciona como um instrumento infalível cuja manipulação revela um diretor lidando com a encenação no set de filmagem como um ilusionista fotográfico. Tudo porque, como a própria armadilha que a nossa memória nos arma quando tentamos contar um fato e a ele acrescentamos uma nova interpretação, sem querer descaracterizá-lo, segue a tradição daquela máxima popular: “quem conta um conto, aumenta um ponto.”

Verdade ou Mentira: João Moreira Salles desconhecia Santiago como este conhecia o Joãozinho? Aí está o enigma que levou 13 anos para ser digerido, o tempo transcorrido entre as filmagens e esta versão definitiva.

Nestes tempos de celebridades e abelhudamente possessivo da vida alheia, o filme-documentário “Santiago” caiu nas graças do público, afinal ele, com apenas nove cópias, já foi assistido por mais de 25 mil

espectadores. Nada mal para um filme documentário sobre um personagem desconhecido do grande público.